



## **Gabinete do Arcebispo Primaz**

### **HOMILIA**

Ref. HML\_04/2016

Homilia na Quinta-feira Santa

Braga, Sé Catedral, 24.Mar.2016, 10h

### ***Inverter a pirâmide***

O ministério do Papa Francisco é de uma riqueza impressionante. São tantas e tão profundas as interpelações que temos dificuldade em assimilá-las com a celeridade que os tempos exigem. E maior dificuldade temos, creio eu, em dar vida aos seus ensinamentos.

Consciente desta exigência, recordo um discurso que me marcou e me colocou em atitude de vigilância. Fiz o meu exame de consciência e confirmei aquilo que, eu próprio, não me canso de interpelar. Na comemoração dos 50 anos da instituição do Sínodo dos Bispos, afirmou-se que “o caminho da sinodalidade é precisamente o caminho que Deus espera da Igreja do terceiro milénio”.

A sinodalidade é um elemento constitutivo da Igreja. Não se reporta, por isso, apenas aos órgãos colegiais diocesanos ou universais mas, em virtude da sua força, acaba por moldar a fisionomia e a identidade eclesial. Em Ano da Misericórdia e Missionário, como devemos acolher este caminho de unidade? Em primeiro lugar, tomando consciência que a sinodalidade se alicerça na comum dignidade baptismal. Ser cristão, baptizado, é o denominador comum que identifica padres e leigos, bem como os diferentes estados de vida entre os leigos. Em segundo lugar, reconhecendo que o Evangelho se destina a toda a Humanidade e, por isso, é motivo de convocação unânime para a missão.

Diz ainda o Santo Padre que, “nesta Igreja, como numa pirâmide invertida, o vértice encontra-se abaixo da base. Por isso, aqueles que exercem a autoridade chamam-se «ministros», porque, segundo o significado original da palavra, são os menores no meio de todos”. “Para os discípulos de Jesus, ontem, hoje e sempre, a única autoridade é a autoridade do serviço, o único poder é o poder da cruz”.

O que significa concretamente esta imagem da pirâmide invertida? Antes de mais, que é próprio da Igreja partir da unidade fundamental para “caminhar juntos”, não permitindo que “ninguém se eleve” acima dos outros, nem que ninguém seja rebaixado ou humilhado. O Papa Francisco deixou-nos, ainda, na sua exortação *A alegria do Evangelho*, outras pistas que poderão, inclusive, ajudar-nos a viver melhor o nosso ministério. Nesta perspectiva, caminhar juntos, diz o Papa, “às vezes significa pôr-se à frente para indicar a estrada e sustentar a esperança do povo, outras manter-se no meio de todos com a proximidade simples e misericordiosa e caminhar atrás do povo, para ajudar aqueles que se atrasaram e sobretudo porque o próprio rebanho possui o olfacto para encontrar novas estradas.” (Cf. EG 31).



**Caminhar situando-se à frente** para indicar caminhos seguros de fidelidade ao Evangelho, à doutrina da Igreja e às orientações arquidiocesanas. **Manter-se no meio** para ser próximo, testemunhar a misericórdia de Deus e não promover mentalidades confusas, demagógicas e narcisistas. **Caminhar atrás** para, à semelhança do Bom Samaritano, cuidar dos feridos, débeis e esquecidos.

A partir desta consciencialização, e procurando deixar uma palavra correspondente a um sentido, o sacerdote precisa de **tocar** os dramas humanos, considerá-los como seus e comprometer-se com soluções. A insensibilidade agudiza-se cada vez que nos recusamos a encarar os problemas de frente, preferindo ficar no trono de uma dignidade sacerdotal que se demite de se sujar com as fraquezas humanas. É na proximidade com o povo que encontramos caminhos novos para uma espiritualidade sacerdotal. Lamentamos a fuga das pessoas da Igreja e esquecemo-nos que fomos nós a abandoná-las. Fechamo-nos nos espaços sacros e alheámo-nos do ar que circula para lá dos nossos muros. Insistimos em teorias desprovidas de vida que não convencem nem motivam.

Caros sacerdotes, caminhar juntos numa inversão da pirâmide exige a totalidade do nosso tempo e do nosso ânimo. Não é suficiente nem desejável um sacerdócio pontual. Temos de rever com coragem, por exemplo, o modo como preenchemos os nossos dias. O ministério não é um parêntese esporádico. A vida necessita de ser organizada mas não podemos contentar-nos com agendas burocratizadas de prestadores de serviços em horas certas. O tempo não nos pertence e o altar não pode ser o único lugar para mostrar a proximidade. Saiamos e saibamos estar nas ocasiões especiais da vida pessoal e familiar, sobretudo nos momentos difíceis de doença ou de luto. Conhecemos os nossos doentes? Sabemos dar sinais de esperança e marcar presença nos momentos da morte? Encontramos em cada paroquiano um irmão com quem partilhamos a vida?

A vivência alegre das promessas sacerdotais é a via que nos predispõe a um novo modo de ser sacerdote. Regressar às fontes, aos nossos pilares, é um caminho de grande fertilidade espiritual. Precisamos de “formar o coração” (*Deus caritas est* 31) e, para isso, não podemos desconsiderar duas realidades.

A primeira é o **retiro espiritual e as recollecções mensais**. Sei que arde no vosso coração o desejo de ajudar as pessoas e de servir as vossas paróquias ou serviços arquidiocesanos. Ainda assim, se no nosso coração não percorrer o sangue de Cristo, seremos apenas – e não é pouco – boas pessoas. Mesmo que não houvesse ninguém neste mundo, ser sacerdote é ser totalmente de Cristo. É ele o nosso fundamento, fogo e amor. Exorto, por isso, a que façais o retiro anual e fortaleçais a vossa relação com Cristo. A segunda necessidade é a **formação permanente**. Os tempos actuais reclamam-nos uma preparação sem precedentes. As pessoas estão mais exigentes, pedem respostas fundamentadas e sugerem uma maior interligação com os vários saberes humanos. Caros sacerdotes, a formação permanente é uma exigência da nossa missão, não é algo opcional. Cada vez que nos demitimos de ler, de ouvir uma conferência ou de participar nas formações diocesanas estamos a lesar gravemente a nossa missão sacerdotal.

O mundo reclama a nossa atenção e a nossa acção. Em Ano Missionário, considero particularmente importante, entre outras coisas, rever o modo como trabalhamos com os jovens e com as famílias



para tocarmos os seus problemas e enigmas. Os jovens precisam de uma presença que testemunhe um modo diferente de entender a vida. Não lhes ofereçais discursos. Vêem tantas incoerências! Necessitam antes de referências de proximidade. E as famílias, no meio de tantos temas fracturantes, necessitam de um apoio muito concreto e capaz de as encorajar a viverem positivamente os seus compromissos.

Permiti-me ainda que partilhe uma preocupação. Já nos demos conta que as pessoas se afastaram do sacramento da reconciliação e continuam a comungar? Não poderemos aproveitar o Ano da Misericórdia para deixar nas paróquias um sinal e um compromisso com esta realidade? Um sinal com espaço digno para atender com solicitude os fiéis. Os confessorários poderão necessitar de modelos adequados mas nunca serem substituídos. Criemos a esperança da Misericórdia. O compromisso de reservar um tempo certo para estar lá. Esperando e disponibilizando-nos. Aí **tocamos** a vida humana na sua profundidade: as feridas e pecados dos homens e mulheres de hoje, o grito no meio da desorientação e do absurdo, as lágrimas provocadas pela injustiça. “Nunca esqueçamos que ser confessor significa participar da mesma missão de Jesus e ser sinal concreto da continuidade de um amor divino que perdoa e salva. [...] Nenhum de nós é senhor do sacramento, mas apenas servo fiel do perdão de Deus” (*Misericordiae Vultus* 17). Não esqueçamos que existem coisas íntimas que afligem, oprimem e conduzem à depressão. Um amor solícito de acolhimento, com qualidade e com tempo, pode ser a resposta para muitos problemas. Apesar do sofrimento e do pecado, é possível, com a força e a graça de Deus, renascer, começar sempre!

Neste caminho com o povo, deixo um pequeno texto de Miguel Torga.

Nascer todas as Manhãs  
Apesar da idade, não me acostumar à vida.  
Vivê-la até ao derradeiro suspiro de credo na boca.  
Sempre pela primeira vez, com a mesma apetência, o mesmo espanto, a mesma aflição.  
Não consentir que ela se banalize nos sentidos e no entendimento. Esquecer em cada poente o do dia anterior.  
Saborear os frutos do quotidiano sem ter o gosto deles na memória. Nascer todas as manhãs.

Miguel Torga, in “Diário (1982)”

Não nos acomodemos à vida. Nasçamos todas as manhãs para um sacerdócio alegre de misericórdia capaz de tocar os males da Humanidade e de nos envolvermos, juntamente com o nosso povo, na solução dos mesmos. Que o Beato Bartolomeu dos Mártires nos estimule a sermos pastores com alegria na vida espiritual e entusiasmo na missão.

---

† Jorge Ortiga, *Arcebispo Primaz*